



A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NO PLANEJAMENTO CURRICULAR DA GEOGRAFIA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM EXEMPLO DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE NOVA FRIBURGO.

Karina Monnerat Latini/Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia

karinamlatini@hotmail.com

Andréa Fernandes Araújo/Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia

andrea_fernandesaraujo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho inicia-se a partir de um trabalho de campo desenvolvido durante as aulas de Geografia Agrária do Curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia – FFSD, que foi realizado na Fazenda Barra de Santa Tereza no município de Bom Jardim, município da região serrana fluminense, onde é praticada a agricultura orgânica. O objetivo do trabalho de campo foi verificar na “prática” os conteúdos que haviam sido explorados em sala, questões como: o sistema de produção; viabilidade econômica; número de empregados; tamanho da propriedade; escoamento da produção; foram os elementos norteadores do trabalho de campo na fazenda. A partir desta ida à campo, os alunos do quinto (5º) período de licenciatura em geografia iniciaram um trabalho de prática de ensino, tendo com análise a importância didática do trabalho de campo para geografia, acreditando que o “campo” é essencial na interação dos conhecimentos adquiridos no ambiente acadêmico com objeto de estudo. A temática apresentada promoveu inúmeros resultados positivos para este grupo de alunos. Neste sentido, foi delineada a metodologia do trabalho, que consistia averiguar se o trabalho de campo é utilizado como recurso didático nas escolas públicas do município de Nova Friburgo, para tanto, o projeto desenhou visitas as três escolas públicas com melhor colocação no Ranking do IDEB de 2007, com o intuito de vislumbrar se a prática do trabalho de campo, é contemplada pelo planejamento anual da disciplina de geografia, assim como para seus professores.

ENTENDENDO O TRABALHO DE CAMPO

Desde a Antiguidade se utilizam pesquisas com objetivos próximos aos trabalhos de campo atuais

Os trabalhos de campo se tornam indispensáveis para a validação de teorias científicas. Os primeiros filósofos e naturalistas tinham o real conhecimento de que a observação dos fenômenos naturais, de forma criteriosa e metodológica, era a chave para a sua compreensão. Portanto para haver relevância na comprovação dos fenômenos, o trabalho em campo deve ser criteriosamente subdividido, a fim de levantar vários dados que dêem abrangência ao estudo e sustentem o que é objetivado. No século XVI, o Renascimento marca uma grande revolução na forma de pensar e aplicar ciência. O filósofo e matemático Descartes, descreve o método científico, uma das bases da revolução na forma de pensar ciência a partir de então. Em “Discurso Sobre o Método e Meditações” afirma que só se pode dizer que existe aquilo que pode ser provado. Propõe ainda quatro exercícios básicos para dar credibilidade a um trabalho científico: (1) verificar se existem evidências reais e indubitáveis acerca do fenômeno estudado; (2) analisar, ou seja, dividir ao máximo as coisas, em suas unidades de composição, fundamentais, e estudar essas coisas mais simples que aparecem; (3) sintetizar, ou seja, agrupar novamente as unidades estudadas em um todo verdadeiro; e (4) enumerar todas as conclusões e princípios utilizados, a fim de manter a ordem do pensamento.

Ainda no século XVI, Galileu Gallilei usa como metodologia dois fundamentos: a observação e o empirismo. A demonstração ou empirismo das teorias e postulados já era, desde os grandes pensadores gregos do início do século IV a.C., condição fundamental para validar um conceito.

Diversos são os exemplos de clássicos e renomados cientistas que apoiaram suas teorias na observação da natureza, de forma metodológica, como por exemplo Charles Darwin, em seu livro “Origem das Espécies”. Em sua teoria da evolução, Darwin baseou-se em observações da natureza, e na sistematização do seu trabalho um ponto crucial foi a análise do comportamento e morfologia de certos pássaros da ilha de Galápagos, o que só foi possível através de um longo tempo de pesquisas de campo, realizadas sobre critérios de organização e pensamento lógico.

O trabalho de campo, cuja prática constitui-se numa tradição, é de suma importância para obtenção de dados, na substituição dos aspectos teóricos que são vistos no ambiente acadêmico ou escolar pela observação, o que possibilita maior compreensão.

A GEOGRAFIA E O TRABALHO DE CAMPO COMO FERRAMENTA

O trabalho de campo tem extrema importância na evolução das descobertas científicas, entre muitas delas estão as que se situam no campo da Geografia, desde os viajantes da Antigüidade, passando pelos naturalistas e os organizadores da Geografia Moderna. Portanto a atividade de campo é uma prática essencial e enriquecedora da Geografia, uma vez que coloca o homem em contato com o espaço natural e o faz pensar nos aspectos atuantes na formação desse espaço e nos processos que geraram as estruturas observadas. O trabalho de campo como ferramenta de ensino/aprendizagem funciona como ilustração, exemplificação, de forma empírica do que é apresentado no ambiente de estudo. Torna-se, em determinados momentos, difícil entender os objetivos propostos pelo ensino de Geografia sem qualquer tipo de atividade prática em campo, onde o aluno pode estar inserido naquela realidade que é apresentada nas aulas, pode compreender como vários aspectos estão integrados no determinado fenômeno e facilita o alcance de noções que estão inerentes a Geografia como: ecologia, sustentabilidade, cidadania, civilidade e etc.

Também escreve sobre o trabalho de campo como instrumento de ensino em geografia, Tomita (199, p.13)

Dentre várias técnicas utilizadas no ensino de Geografia, considera-se o trabalho de campo, uma atividade de grande importância para a compreensão e leitura do espaço, possibilitando o estreitamento da relação entre a teoria e a prática. O alcance de um bom resultado parte de um planejamento criterioso, domínio de conteúdo e da técnica a ser aplicada.

Para eficácia do trabalho de campo devemos sistematizá-lo, criando um método que norteará o objetivo do estudo. Num primeiro momento devem ser feitos “trabalhos pré-campo” nesta etapa ocorre o planejamento do campo, com um roteiro de viagem e com os pontos de interesse, com a coleção de dados referentes à região em estudo e

correlacionados aos conteúdos aplicados em aula, para possibilitar maior entendimento. O segundo momento é o próprio “trabalho de campo”, onde de forma simplificada, os procedimentos técnicos para coleta de dados de campo são: registros em cadernetas de campo; registros fotográficos; esboços da paisagem; filmagens; registros de entrevistas; referenciais de orientação e localização dos objetos de estudo. De forma direta, no campo devem-se observar, registrar (e localizar), descrever, delimitar, correlacionar e explicar os elementos constituintes da paisagem e/ou os outros elementos de estudo. O terceiro e último procedimento será a elaboração do “trabalho pós-campo”, nesta etapa os dados coletados serão organizados e analisados de forma a se chegar às conclusões pretendidas no início do trabalho. Também serão produzidos mapas e tabelas, e ocorrerá a preparação das amostras coletadas para análises mais detalhadas, como análises químicas, geocronológicas, classificação dos fósseis ou registro dos dados. Por fim, os resultados do trabalho de campo e de laboratório serão usados na produção de um material escrito para publicação, seja um relatório, uma dissertação, uma monografia ou um artigo, onde serão expostas as conclusões obtidas e a metodologia de pesquisa do objeto de estudo. A criação desse material é condição básica para o aproveitamento do ensino e o avanço do conhecimento científico.

O campo possui uma dimensão pedagógica única, pois a sua prática é atuante e de ação compartilhada, na qual o protagonista do assunto estudado não é o livro didático, e sim o espaço que está sendo estudado (visitado). A prática em campo pode ser um fio condutor de conhecimentos, processos e conceitos. Pode ser gerador de problemas e também pode ser agente integrador das Geociências, construindo uma visão abrangente da natureza e do meio ambiente.

Deve-se considerar ainda que um trabalho prático requer uma reflexão sobre o tema a ser estudado, conforme Kaercher (2004, p.233):

Muitos professores crêm que mostrando uma foto ou um objeto, ou ainda, dando a volta no bairro – todas ótimas iniciativas - os alunos ‘verão as coisas como elas são’, isto é, terão acesso ‘à realidade’, verão a ‘essência’ para além das aparências. Esse é um passo necessário para o estudo: ver ‘as coisas’, mas é insuficiente se não alertarmos nossos alunos para a necessidade da reflexão sobre o que se vê na tentativa de não nos contentarmos com as primeiras impressões. Impressões não são a realidade.

O TRABALHO DE CAMPO DESENVOLVIDO NA FACULDADE DE FILOSOFIA SANTA DOROTÉIA

Para tecer comentários a respeito dos Trabalhos de Campo da Faculdade Santa Dorotéia, gostaríamos de falar especificamente do trabalho que correspondeu a disciplina de Geografia Agrária e foi o precursor deste trabalho.

Após conversas com o professor da disciplina, foi escolhido a Fazenda Barra de Santa Tereza no município de Bom Jardim – RJ, de propriedade do senhor Dejair Lopes, como local a ser pesquisado.



Turma do 5º período de Geografia da Faculdade Santa Dorotéia

Confirmados data e horário da visita, traçamos o método que guiaria nosso trabalho, a entrevista como principal ferramenta, além de fotos ou gravações de áudio, por exemplo. A entrevista teve como base conteúdos que haviam sido explorados naquela disciplina e que se enquadrariam no ambiente de agricultura orgânica, já que é praticada agricultura orgânica nesta propriedade.

Questões como o sistema de produção, viabilidade econômica, número de empregados, tamanho da propriedade e escoamento da produção foram apontados na entrevista, porém o universo de questionamentos no “campo” e as “respostas” adquiridas lá foram muito maiores.

Este trabalho foi realizado no dia 20 de novembro de 2008 num período de oito da manhã ao meio-dia.

Visitamos as áreas cultivadas da propriedade e podemos notar que grande parte da área disponível não estava plantada no sistema agroflorestral, já que as condições do terreno, com muitos morros por se tratar de uma região serrana, dificultava a implantação desse sistema.

Nas partes mais baixas havia hortaliças e nas encostas dos morros plantas maiores, como café e frutas cítricas, sempre dividindo o espaço com plantas menores, como amendoim e feijão por exemplo.

Com todas essas características ficou claro que se tratava de produção em pequena escala, porém extremamente diversificada, pois são mais de 70 variedades de plantas, entre feijões, batatas, café, hortaliças e frutas que são cuidadas pelo próprio Sr. Dejair e outros dois empregados, que já estão completamente integrados aos conceitos da agroecologia e o modo de produção da agricultura orgânica. A produção é voltada para consumo próprio ou vendida nas feiras em Nova Friburgo ou na cidade do Rio de Janeiro, tornando-se economicamente viável já que quanto maior a diversidade de cultura, maior será a sustentabilidade ambiental e econômica. A crescente procura dos produtos orgânicos eleva os preços finais, porém esses são mais constantes durante o ano se comparados ao produto cultivado de forma tradicional.



Produção de agricultura orgânica da Fazenda Barra de Santa, município de Bom Jardim R.J.

A agricultura orgânica tem dimensões éticas, sociais e ambientais que não podem ser desprezadas, principalmente quando se discute o preço final dos produtos. Por suas características, a agricultura orgânica tem contribuído para fixação no campo de produtores familiares, anteriormente excluídos. E os consumidores dos alimentos orgânicos, ao priorizarem sua saúde e o bem-estar, estão conscientes de que promovem a qualidade de vida e saúde dos trabalhadores rurais e contribuem para conservação do meio ambiente.

Por tudo isso nota-se a relevância do Trabalho de Campo como ferramenta de ensino de Geografia, onde em certos momentos é inimaginável a total compreensão dos conceitos no ambiente acadêmico, se comparados as idas a campo.

O TRABALHO DE CAMPO NAS ESCOLAS DE NOVA FRIBURGO – R.J. COMO RECURSO DIDÁTICO.

A temática apresentada promoveu inúmeros resultados positivos para o grupo de alunos que participou do trabalho de campo, anteriormente descrito na Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia.

Neste sentido, foi delineada a metodologia deste trabalho, que consistia em averiguar se o trabalho de campo é utilizado como recurso didático nas escolas públicas do município de Nova Friburgo, para tanto, o projeto desenhou visitas as três escolas públicas com melhor colocação no Ranking do IDEB de 2007, com o intuito de vislumbrar se a prática do trabalho de campo, é contemplada pelo planejamento anual da disciplina de geografia, assim como para seus professores.

As respostas, embora um tanto previsíveis, foram bem abaixo das expectativas. Normalmente, as escolas utilizam o trabalho de campo uma vez por ano apenas, e dentre as razões para essa escassez, podemos citar o alto índice de burocracia, número de funcionários disponíveis para a realização do trabalho e dificuldade na autorização dos pais.

Podemos observar também, que, quando há o trabalho “in loco”, este, quase sempre acontece no próprio município, pois o custo mais elevado impede a realização de trabalhos fora do limite municipal.

Em relação ao aproveitamento do aluno, as respostas são sempre positivas. De uma forma geral, os alunos gostam, se interessam, e conseguem através da visita “ao campo” internalizar todo o conhecimento previamente adquirido em sala de aula de forma significativa.

As aferições de conhecimento desse tipo de trabalho, normalmente se dão por meio de relatórios, debates e seminários.

Ao questionarmos os professores sobre a importância do trabalho de campo, todos foram unânimes em concordar que a prática, a experimentação, a observação e a investigação empírica sobre o que se aprende é fundamental para a construção dos saberes de cada indivíduo. Dessa forma, transcendendo a teoria e significá-la, de forma a produzir o verdadeiro conhecimento é fundamental para a formação do aluno.

Entretanto, infelizmente essa prática ainda é escassa e precária. Através do gráfico 1 abaixo, podemos verificar três aspectos levados em consideração nas

pesquisas realizadas nos três colégios melhores colocados no IDEB do município de Nova Friburgo, sendo a Escola 1, a Escola Estadual Marcílio Dias; a Escola 2, o Colégio Estadual Augusto Spinelli e a Escola 3, o Colégio Estadual Padre França.

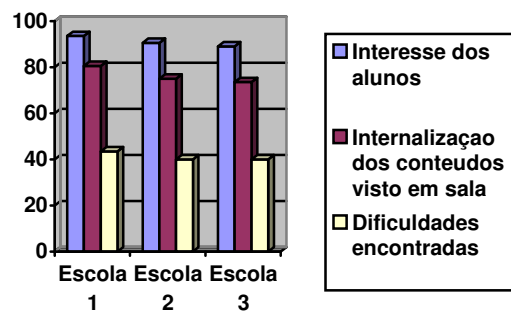


Gráfico 1

E através do gráfico 2, podemos observar a frequência com que é aplicado o trabalho de campo, nas três escolas analisadas.

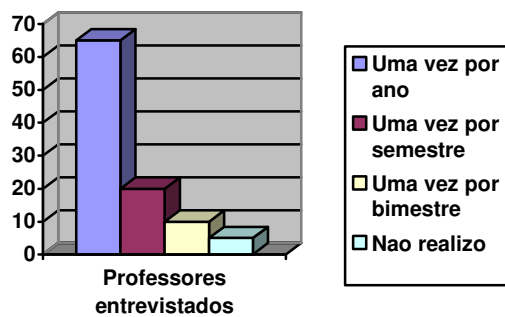


Gráfico 2

PARA NÃO CONCLUIR

Através de pesquisas feitas com diretores e professores de três colégios públicos do município de Nova Friburgo – R.J, podemos verificar que grande maioria dos diretores e professores, entendem a importância do trabalho de campo, para a formação do conhecimento.

Quando se trata de professores de geografia, podemos perceber que é ainda maior a importância deste tipo de trabalho, pois existem determinados conteúdos que, sem a prática em campo, seria praticamente impossível seu entendimento. Além disso, grande parte dos professores entrevistados, tem ciência que o trabalho de campo precisa de reflexão e um bom planejamento para sua execução, bem como o domínio dos conteúdos e métodos que serão utilizados.

Entretanto, mesmo com um alto índice de aprovação pelos professores, diretores e principalmente os alunos, o estudo “in loco” é muito pouco desenvolvido nas escolas públicas do município.

Falta de recursos, escassez de profissionais e alto índice de burocracia, foram os empecilhos mais citados para a não realização do trabalho de campo com a frequência desejada.

Foi muito nítido, durante as pesquisas, quão importante é esse tipo de trabalho na formação do aluno. A grande maioria apresenta maior interesse e, conseqüentemente, maior absorção dos conteúdos se os compararmos aos mesmos, dados em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAERCHER, N. A. A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. Tese de Doutorado, São Paulo, 2004

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de Campo em Geografia in: Geographia ano IV Nº.7 jan./jun. 2002 disponível em: http://www.uff.br/geographia/rev_07/edicao7.htm acesso em 15/07/2008.

TOMITA, L.M.S. Trabalho de campo como instrumento de ensino em geografia in: Geografia: Revista do Departamento de Geociências. Universidade Estadual de Londrina. Vol. 08 nº. 01 p. 13-15, jan./jun. 1999.

CICOUREL, A Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A Z. Desvendando máscaras sociais. 3. ed. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves

Editora,1990.

DEDAVID,C. Trabalho de campo:limites e contribuições para a pesquisa geográfica.

GeoUERJ,RJ,n.11,p. 19-24,2002